

A young man with short, light-colored hair is seen from the back, walking through a crowd. He is wearing a light-colored, patterned short-sleeved shirt and a colorful floral waist bag. The background is filled with other people, mostly young men, in a dimly lit, outdoor setting, possibly a festival or concert. The overall atmosphere is busy and social.

ATRAVÉS DA JUVENTUDE

Rennan Sama

APPALOOSA
Online Indie Publishing

Através da Juventude

Rennan Sama

APPALOOSA
Online Indie Publishing

Livro: AP0004

Sama, Rennan

Através da Juventude

Rennan Sama – 1 Ed. 2017

Appaloosa Online Indie Publishing

Background de Capa:

Pixabay CC0 Public Domain

Produção:

Appaloosa Online Indie Publishing

Felippe Regazio / Produção e Edição

Este Livro Contém:

. Através da Juventude

. Sobre o Autor

. Entrevista com o Autor

Apresentação

Eu nasci um monge. Não pensava o que não se deve pensar. Provei da glória de anos tranquilos. Nada era demasiado ou pouco, tudo estava na medida certa. O acaso me trouxe a vida, e logo depois me trouxe a paz de uma infância feliz. E eu tenho consciência do que é ser feliz graças a esse tempo. Pois vivemos em um mundo onde a felicidade são momentos de pico, prazeres que transformam momentos em pequenas razões para se viver. Seguindo esta ideia, claramente vejo que vivi um longo período de pico. Um Nirvana, diriam os Budas, talvez. Eu mesmo não me admiro de ter me tornado poeta, e um sentimental, sensível. Lembro de uma enorme TV e desenhos animados. Lembro de um carinho imenso na comida. Sim, na comida! Havia amor também nos quadros, nos diálogos pela manhã, e na mesma TV que passavam os desenhos pela manhã era a missa que todos assistiam. Menos eu, eu de alguma forma sabia que a única coisa que valia a pena para mim era a música e a energia cultivada. Naquele tempo ainda não importava o que era verdade ou o que era mentira, nem mesmo importava se o copo d'água abençoado estava apenas iludindo alguém, ou não. Eu era um monge com cabelos loiros. Eu observava os filetes da luz do sol da manhã transpassar os furos do telhado. A poeira produzia a arte. A poeira e a luz. E eu tocava os filetes. Tocava os filetes e sentia que a arte antes de mim, de forma externa era bonita, mas também era vazia. Eu ainda não produzia, nem havia me descoberto como um criador. Eu estava sentindo, percebendo, apreciando. Meu apreço pelo mundo era sagrado. O acaso de uma vida que recebi jamais poderia ter me transformado num homem mau ou frio. Quem sabe meu eu, pudesse numa outra circunstância ter se tornado facilmente um psicopata, no decorrer de uma infância pobre do que considero essencial. O amor não deve ser frio. Uma criança

não vai interpretar e julgar as circunstâncias ao seu redor. Uma criança enxerga o amor através da paz de apreciar o apreciável. O amor foi para mim durante muitos anos o conforto de saber que os filetes da luz do sol estariam ali independente do que acontecesse. O amor foram os desenhos animados, os personagens sentimentais me trouxeram um coração sentimental e uma personalidade tranquila.

Eu era um monge. Eu subia na mangueira do quintal das minhas avós e meditava. Eu não sabia que era meditação, já hoje eu posso dizer que era. Eu fixava meu olhar nas formigas. Primeiro eu sentia a dor delas. Depois a dor do mundo. E depois disso eu não pensava ou sentia nada. E então eu me tornei o que sou. Cada dia que se passava eu me tornava algo mais, e o processo não cessou até hoje.


Introdução

caminhar descalço
em passarelas ocultas
é o caminhar nu,
despreocupado
em vias obscuras
de um lado para o outro
estudando,
de um canto ao outro
dentro de minha própria mente maluca.

::

A DECEPÇÃO DA ESSÊNCIA GENUÍNA SOB O FARDOS
DA EXISTÊNCIA SUPÉRFLUA

::

Se reparar em seu rosto
notará quem sabe
uma bela imagem,
isso independe
mas se olhar
bem mais no fundo,
se puxar os lábios inferiores
para baixo e os superiores
para cima
notará uma breve parte
do que constitui uma caveira,
e nesse momento
talvez se questione
sobre quão esquisito
és ou até mesmo
de onde provém
tal esquisitice.
Quem sabe se pergunte;
Que Deus esquizofrênico
criou isto?
Como diabos algo evoluiu
até isto ?
Existe propósito nisso tudo?
Eu realmente tenho algo a fazer
por aqui?
Onde diabos a minha consciência dormia
quando eu ainda não era nascido? 
A realidade nos obriga a ignorar
tais questões
que permanecerão por toda
eternidade no âmago
do nosso interior,

uma interrogação gigantesca
que brilha junto com as estrelas
no imenso céu estrelado.

Uma pergunta que ecoa nos
ouvidos da curiosidade instintiva humana
cujo a resposta está tão inacessível
quanto o infinito do universo.

É deprimente
que desde o nosso nascimento
descobrimos na infância
uma insignificante parte do universo
pouco a pouco
enchendo nossos pulmões de
descobertas e soltando
satisfações,
evoluímos um pouco mais
e descobrimos que iremos sem escolha
parar no meio do caminho!
Enquanto nosso coração cheio de alegria
em vislumbrar coisas novas
para de bater,
pois o tempo acabou.
E uma mudança na rota do conhecimento
acontece,
nos levando a uma estrada onde
a paisagem é sempre a mesma!
Enquanto tudo que desejávamos
em nossa essência genuína já morta
era que o céu não fosse o limite.

Somos tão insignificantes
como as frutas inicialmente verdes

que logo amadurecem e depois apodrecem
e isso é tudo.

::

Vivald no máximo e eu sinto o óleo em minhas engrenagens.
Pode ser o súbito aviso de alerta sobre meu fim.
Ou pode ser a rotina e a destruição do que me corroía as tripas.
A mulher de minha vida maldita.
Não importa mais nada, se eu continuo escrevendo
continuo subvertendo a realidade
e as ilusões na cruz pesada de todos os homens.
Estalo os dedos para me sentir vivo neste planeta
duro de cimento e ossos e ferro inóx.
Que mundinho estranho socado na degradação de tudo que
poderia ter sido imaginado por um Deus.
Matéria, química ácida. Sangue e glóbulos vermelhos e
brancos.
Lençóis secos roçando em seus olhos esfolando suas retinas.
Essa pele cheia de poros e pelos.
Que tipo de cordeiro sou
de qual pastoreiro
criador de uma existência
tão difícil de amar
sem que se enxergue cores
e tudo que poderia ser moldado em prol de beleza.
Há um coração arrancado de mim antes
de verter seu primeiro pulsar.
E eu permaneço num abismo que só eu conheci.
Uma solidão tão pregada
quanto os pregos da sacada.
Uma vida tão fodida
quanto a bunda do universitário de direita
ao lado da sua casa
me abastece finalmente
as veias

com novo sangue efervescente de inspiração
para os meus tantos papéis vazios.

::

Gosto de morte na boca
Tragédia no olhar,
Toque e me toque como o mar.
A primavera chegou
É tempo de ver cores
E nascimento de amores.
É tempo de guerra
E navios negreiros
Fixados no costume.
Maresia de paz
Para os brasileiros
Que se bronzeiam aos olhos
de um poeta mineiro.
E a chaga natural criada
pela vida que sentimos eterna
só cicatriza no desaparecimento de tudo.

::

Rituais

Rituais de guerra.
Rituais de sobrevivência.
Rituais de paz e amor.
Rituais de rima.
Rituais sonoros.
Rituais proclamados.

A face das ruas
abrange muito mais que só as vísceras da humanidade.
Eu era o Deus de todas as putas,
e o diabo de todos os homens.
A face das ruas
abrange mais que sete mil palmos
abaixo do inferno.
Aqui vai um pedaço
da minha carne e alguns litros do meu sangue.
Texto que é texto
arranca a dor do peito.
Texto que é texto
molda o teu desespero.
E texto que é texto
formata os teus pensamentos.
Traz conhecimento
e ameniza o tormento.
Texto que é texto
nasce no leito.
Texto que é texto
é soco no queixo.
Rua que é rua

forma conduta.
O inferno se aproxima
a cada esquina.
A morte nos arbustos.
O melhor compasso da dança
da vida é o acordar e sorrir.
O golpe baixo no martírio
é se divertir.
E se o mundo cair?
E se as pessoas se desligarem?
Vamos morrer sorrindo
porque a paz chegou!
Meus versos são tambores ressoando
até a lua onde o som não se propaga.
As palavras são ingredientes
de um feitiço.
A poesia é o elixir de tudo.

::

Eu estou arrumado pra sair e usar drogas que me tornem mais sociável.

Mas há algo me puxando para baixo nesta cadeira.

Mosquitos tão presentes no dia a dia que fica impossível não entrar em algum verso.

Um deles se aconchega em meu tríceps.

Eu espanto tão lentamente que ele dá uma pequena volta e de novo

pousa em meu braço, só que no bíceps dessa vez.

E então eu deixo ele lá.

Há alguns em minhas costas também.

Eu estou de costas para a parte de fora dá casa,

de costas para o céu e

para o portão.

Fogos de artifício estouram o tempo todo.

Talvez isto signifique algo.

Nada importante, claro.

Eu me desgasto, e volto vazio desses lugares para os quais todos estão.

Mas, é como se eu fosse estar ainda mais vazio se eu nunca for.

Então eu me arrumo e espero.

As drogas já me cansaram,

pois a falsidade é o que mais esvazia.

Ninguém suporta ninguém.

A festa é do álcool.

A festa é da carne.

Sífilis, suor, porrada,

sangue, esperma,

aroma de camisinha,

armas e corações incansáveis

acompanhando o rufar dos tambores.

É a festa do ruído, do brilho,
Instinto, da malícia, do ódio,
da mistura de salivas.
Da mistura do que deveria ser bom
com a pior degradação que poderiam criar.

::

Há tanta dor nas calçadas
Que se você deitar sobre uma delas você sobrecarrega seus
chácaras.

Há tantas lágrimas prontas para se esvair
Que nem um oceano inteiro poderia competir.

Há tanta energia
consumida
Que poderiam suprir umas mil vidas.

Energia consumida no esforço
De se obter um almoço

Em cada dia.

::

Eu sinto um frio
que vem do pé
ao estômago,
e um tremor que sai
das coxas
e acaba no esôfago.
sinto demasiado desconforto
e uma fome desregulada
acompanhada de vias nasais
congestionadas
e eu não mencionei ainda
a psique destroçada.
a melancolia
com a confusão pós traumática.
o gosto de ferro no sangue
que escorre dos lábios cortados.
anos e anos de abalos sísmicos
nas terras da personalidade
que se desenvolve.
algo ocasionou o corte
em minha sensibilidade
pois eu não sinto nada
apesar de tanto sentir
esse desconforto que me mata.
vez ou outra,
um vislumbre da luz
irradiando uma compreensão,
empatia, sensação,
pensamentos.
de repente
eu tenho sentimentos.

...

porém

logo escapa

como uma palavra que você tenta

lembrar mesmo que esteja

na ponta

da língua.

é a luz de alguma coisa

dolorosa e humana,

como areia

transpassando

pelos meus dedos.

::

Quando o céu clareou
meus olhos queimaram.
Era vinte de novembro
e as gaivotas estavam perdidas.
A lua puxava o oceano
e o sol queimava o verde.
Os homens ajoelharam-se
e as terras racharam.
O mundo desabou
e eu sorria
em pleno juízo final.
Cantava
enquanto suspirava
com alívio

::

As vezes
o veneno
é também
um elixir.
aquilo que te corrói
pode ser, por vezes
algo que lhe seduz.
o poeta tem mania
de amar o desamor
e em quase todo caso
se entregar ao obscuro
mergulhando de costas
para o interior de algo confuso
encorajado pela convicção
de ser parte do escuro.

As vezes o veneno
é ambrosia
e o poeta
degustador
das agonias.

Eu vi
que o poeta era diamante
do tanto que sentia que era carvão.

E quando eu vi
tudo isso
o mar de algum planeta
me engoliu.

::

Engraçado como essa cruz
de cabeça para baixo
em meu peito
me diz
muito mais do que as igrejas
me disseram
no que diz respeito a humanidade,
liberdade, pecado e divindades.
engraçado como a mentira
não está somente no planalto
em Brasília,
ou a crocodilagem apenas
no governo e cia.
é muito além do que já sabemos
e já nos surpreendemos.
se nos permitíssemos
evoluir
tanto ao ponto
de enxergar que até mesmo Deus
era corrupto,
quem sabe assim
deixaríamos nossos queixos caírem pela última vez.
afinal, o que precisamos
pra abandonarmos de uma vez
esse vício em ser persuadido?

::

Eu gostaria de poder
fisgar minha dor
e emblulha-la num papel
e atear fogo
e observa-la
carbonizar enquanto
fumo um cigarro
e um piano
dentro de mim
se parte ao meio
com minhas tripas
e meu coração
dentro dele
bombeando
a última gota
de minha essência
triste.

::

Santa Efigênia,
quem mandou espalhar o cristianismo
pela Etiópia?
penso que há uma essência em
toda época de nossas vidas.
e com certeza havia algo ruim,
bem, eu me sentia estranho
olhando pela janela do ônibus
cruzando Curicica
em direção à praia.
agora quando penso
no seu nome
sinto uma certa aflição
vinculada àquele tempo
em que eu ouvia ecoar
das caixas de som do ônibus BRT
o anúncio da estação que hoje
leva o seu nome.
Santa Efigênia,
tanta luta,
com sua pele negra
espalhando a religião
de um homem
nascido em plena Israel
e que é idealizado até hoje
como um homem branco
de olhos azuis.
pobre e bondosa santa...
tanta luta
para o seu nome ser lembrado
através de um bairro pobre

da zona oeste do rio
assolando as almas
de quem olha pela janela do ônibus.
ninguém lembra mais
que 21 de setembro
é o seu dia.

::

um dia alguém de sabedoria e visão
me dará razão.
morremos sempre distante de tudo
que nascemos programados pra desejar de alma e coração.

::

eu queria ter honrado meus parceiros do burger king.
ter trabalhado ao menos um ano ou dois,
e ter levado comigo algumas amizades que eu tenho certeza
que iria valer a pena.
mas acabei abandonando todo mundo.
que tristeza.
fechei algumas portas importantes...
passei direto no corredor das possibilidades
sem nem olhar para trás.
droga, a juventude
é uma confusão.
eu também queria não ter conhecido e feito amizade com
aquele cara que me induziu a cheirar cocaína.
queria não ter passado noites acordado lendo Schopenhauer
para ele,
completamente ciente de que ele não entendia nada.
eu levei um tempo pra entender que o que importava era a
próxima linha feita com o cartão de crédito do Itaú,
que por sua vez era usado até os créditos da conta ficarem
negativos.
hoje realmente o que importa é só a próxima linha.
que os Deuses me ajudem com isso.
é, eu não queria ter saído de casa em tantas vezes que saí.
não queria ter tido por tanto tempo duas mulheres sem que elas
soubessem.
não queria ter mentido ou roubado aquelas setenta revistas
"level up"
daquela banca de jornal
e ter fugido
enquanto gritavam
"pega ladrão"

pro meu parceiro e eu.
tudo isso
só pra distribuir de graça numa Lan house
na qual todos ficaram ricos de dinheiro virtual no "combat
arms".
de algumas coisas eu não me arrependo tanto.
mas de outras, eu quase não consigo escrever.
como por exemplo
a vez em que joguei um gato
do terraço ao quintal do vizinho onde tinha um cachorro brabo,
lá pros meus dez anos de idade.
eu não queria ter pego tanto dinheiro emprestado
e ter esquecido de pagar todas as vezes.
eu não queria estar devendo àquele "traficante caseiro" primo
de um amigo meu
só por ter me vendido pó Royal ao invés de cocaína real.
eu não queria ter sido desleal.
eu não queria ter sido um filho ruim.
eu li um diálogo entre os personagens de Bioshock 2,
o jogo, no qual um dos personagens perguntava para o outro
como ele conseguia esquecer as coisas ruins que ele já fez.
e então ele respondeu que
na verdade não esquecia nada.
apenas aprendia a conviver
com tudo isso.
eu queria ter
a mesma bravura,
mas ao invés disso
eu escrevo sozinho
as duas da manhã
esperando o melhor momento
pra acender um Hollywood azul.

::

O nascer do sol de novo
em cima dos meus olhos vazios
e caídos.
mais um dia
que parece seguir para
o passado
para morrer exatamente
onde nasci.
Em terra de poeta,
a música é utopia
e o silêncio,
realidade.

::

Eu nunca
consegui escrever
um verso sequer
que eu não o tenha vivido.
o poeta que eu sou
é derivante delirante.
meus versos derivam
daquele delírio
que eu sou
diante desse mundo.
por isso meu rosto
é assim,
destroçado,
pálido, tatuado.
meu corpo,
meus olhos,
meus pés,
são a morte materializada.
deixo rastros de cinzas
por onde passo.
e não é da guimba
do cigarro,
é da minha alma cinza
e seu estrago.

::

saudades da infância.
parte boa, tranquila da vida.
bem difícil não sentir falta
da falta de rotina.
a infância é boa por muitas razões.
mas a melhor das razões
na minha opinião,
é que criança chora.
e chora muito, viu?
qualquer tropeço,
chute no rabo,
joelho ralado,
raiva do amiguinho
palhaço já era motivo de chororô.
porque a criança tem o dom de descarregar energias.
criança não guarda rancor.
criança não tem nó na garganta.
só quando a mãe magoa de tanto xingar.
mas ainda assim é o nó mais frouxo possível.
se a mãe levantar a mão
além de se borrar,
desespero, pedido de socorro
e de piedade
escorrem no rio
que desce dos olhos.
chorar pra criança é um alívio.
uma forma de regular os excessos.
porque o ser humano é um recipiente.
problemas,
insultos, amores perdidos,
rotina assassina,

desavenças com a família,
tudo isso e um pouquinho mais
a gente guarda.
e guarda firme.
porque adulto não chora.
se bem que mulher ainda chora, né?
um brinde às mulheres!
não é estranho que elas são mais tranquilas,
maduras, raciocinam melhor...
agora, homem não chora!
homem segura firme.
homem nasce ouvindo que "homem não chora"
homem cresce vendo o homem levantar da cama e ir checar o
barulho na cozinha,
e a mulher debaixo dos lençóis.
homem não pode chorar,
se não a visão fica turva e não desvia dos golpes da vida.
é, homem guarda muita coisa.
reprime mundos em ruínas
no meio das tripas
e um abismo no peito.
por isso sinto saudades da infância.
se eu tivesse o mesmo dom
daquele tempo,
agora mesmo,
eu me livraria de
um peso enorme.
Ah, se eu ainda fosse criança,
liberaria um oceano
preso em minha garganta.
me sentiria leve como as nuvens novamente.
mas sou um homem,
e homem é duro.
homem é babaca.

prefere guardar tudo,
e acabam não percebendo
o quanto que isso os paralisa.
não é estranho que homem
seja chucro,
estressado, imbecil,
alcoólatra.
a maioria dos homens são doentes
pois não sabem mais chorar.
por isso sinto falta da infância.

::

eu vejo minha morte
por vezes
ao acordar
no insensível vislumbre
de um céu calado.
na fumaça do incenso que acendi para espantar os insetos
e as más energias.
vejo minha morte num desses domingos de carnaval
silenciosos
quando nada me aguarda
do lado de fora de nenhum lugar.
quando nem a morte me aguarda,
pois sou eu quem aguardo ansioso
pois não há nada.
Rennan
Somos coração cansado,
Pulmão fraco
E uma tristeza sem fim.

Há tanta dor no mundo que não somos capazes de enxergar 360
graus de dor.

Há tanta dor no mundo que me faz chorar.
Somos assim:
Coração cansado
Pulmão fraco
E uma tristeza sem fim.

E sobre os segredos
& as razões
Escondidas nesses versos?

É demais,
Demais para mim!

::

Levei mais em consideração o latão de lixo
que me faz companhia quando coloco pra fora
o negro do que restou de mim nas noites passadas,
e acendo um cigarro
e procuro sentar, descendo meu peso de montanha numa pedra.
A noite inteira segura a pressão junto comigo
e o latão é a parte da história
que se transforma no sorriso cansado de todos os finais de
todos os dias.

Levei muito mais em consideração
o que eu aprendi e o que me tornei sob a solidão assídua
que compreendi como ninguém, ao topo e além da
humanidade,
simbiose de tristeza e adrenalina.

É você e os segundos e a correnteza, seus olhos, sua
interpretação,
seus pensamentos vagos, suas perguntas a si mesmo
e ao céu que não responderá jamais, sequer sobre um verso
desse desespero escrito.

Levei mais em consideração a dor que foi tudo que conheci e
estudei e tomei como verdade.

Levei mais em consideração as pedras no caminho
do que as luzes falsas
no fim dos túneis dos sonhos
que eu jamais
ousaria sonhar
novamente.

::

Eu preferi me masturbar antes de escrever sobre isso.
Penso que todo homem está mais lúcido depois do seu orgasmo.

Faz todo o sentido se é sempre após as alegrias que nos encontramos com a veracidade das coisas,

pois

a lucidez não está no prazer e na felicidade.

No máximo a lucidez alcança o bem estar.

Pouco mais além se desvanece.

Ouça, a alegria não pensa, não questiona,
não deduz, não vê.

Buscamos na vida sempre a fuga

que nos leve para longe da lucidez.

Agora, completamente lúcido

posso me abster dos meus desejos

E falar das coisas de forma precisa.

Como por exemplo, os quadris das mulheres.

Não lhe é estranho, homem?

Não lhe é estranho que aquelas nádegas

com a cintura e as coxas lhe façam entender quase
subconscientemente

que poderia fazer qualquer coisa por isso?

Fora seu ego de homem de paletó e gravata,

você rastejaria, comeria merda,

mataria facilmente por aquela cintura.

Você, homem, talvez admita

que num outro tempo morderia,

arranharia, gritaria

por uma boceta escorrendo do líquido

que tu almeja tanto quanto a carne

por saber mesmo sem ter estudado

que tal líquido lhe auxiliará cedo ou tarde.
Você homem,
talvez não pense tanto quanto eu penso,
mas eu sei que pensou:
"oh, porque sou atraído como ímã
para essas coxas,
para o fundo estreito entre essas nádegas cujo interior me
enlouquece
e hipnotiza,
como se eu fosse um animal?"
Como se fosse?
Pobre homem, ninguém jamais deixou
de ser animal.
Nosso ego apenas grita mais alto
que a natureza.
Mas a natureza jamais deixa de fazer
seu papel, astuta e silenciosa.
Acho que escutei ela rir.
Mas a risada vem de mim,
no interior de mim.
Essas massas movidas por uma só lei,
agregando impurezas, é um circo triste em chamas azuis.
Ninguém sabe que está queimando.
Ninguém enxerga as chamas,
estão se divertindo!

::

eu nunca sei se é apenas comigo que acontece.
uma tarde onde uma música
triste porém graciosamente toca em meus ouvidos
e um avião cruza o céu
do leste ao oeste numa lentidão que parece acompanhar a
música
e as nuvens são alaranjadas
e as acerolas estão mais maduras.
porém o suco hoje não foi feito
pois todos estão tristes demais por alguma razão,
ou quem sabe sou só eu no meio da neblina
tentando contemplar as árvores
dançando em volta dos rios poluídos
enquanto escrevo por deixar escrito,
enquanto o mundo me deixa calado
e despido & cuspidor
do cu de um universo ruim demais para nós.
pra terminar no pó
que se mistura a tudo aquilo que um dia
me fez pedir arrego

::

Em algum lugar no meio dessas trevas,
na escuridão maciça eu percebo seus olhos
verde-esmeralda
brilhando
como uma espécie de resposta positiva ao meu socorro.
Mas eu fecho os meus olhos
para continuar me perdendo.

::

hoje
olhando assim
é quase impossível acreditar
que já fui anjo de asas
nervosas ansioso pelo voo mais intenso.
hoje sou vazio de cocaína
e beijos secos de batom gasto de puta barata
na festa da carne das avenidas ruidosas e pecaminosas.
hoje sou folha seca ao vento
porém escrevendo
compondo versos no meio da queda.
enquanto houver essa distância
entre o percurso e o impacto estarei escrevendo
criando
preservando e colorindo o mínimo
do que restou
de tudo.

::

Quase duas décadas num mundo infernal.

as palavras estão formigando os cantos do meu cérebro
e o significado borbulha em meus potes de ouro etéreos.
a conjugação da força exercida todos os dias
é mais difícil que a conjugação de todos os verbos.

preciso de livros benditos
escritos por escritores malditos.

quero a santificação das minhas pernas
que ainda suportam a caminhada nesse inferno por quase duas
décadas.

quero exercer uma força tão alarmante
que eu consiga pisar no vazio
e subir direto até o céu dos gigantes.

quero montar em um guepardo e ama-lo,
provar meu amor felino numa quinta feira de cinzas e agrada-
lo.

quero criar metáforas pelo mundo em línguas estrangeiras
enquanto faço sexo com seiscentas e sessenta e seis freiras.

escrever poesia quântica
e sentir a disseminação da loucura
no desarranjo da semântica.

em Bangladesh fitar o olhar de um crocodilo,
e meditar e respirar

o ar que vem da Índia em grande estilo.

aguardar a morte sem qualquer receio
se sobrar inspiração ou um breve devaneio

com a ajuda da última lata de Skol
que faça nascer o último poema
ao lado do último sol

que eu só terei paz pra morrer
depois que eu escrever tudo
que eu ainda tenho pra escrever.

::

é necessário entender que algumas vezes só temos a última vez.
é necessário refletir sempre em cada milésimo de segundo.
é necessário domar a loucura quando ela lhe atinge
sobre dúvidas sobre si mesmo.
é necessário não dormir antes de anotar uma ideia.

::

Tenho tanta direção quanto um vira-lata na contra-mão...

::

Seus interiores cantam com meus pensamentos:
É a dor desse mundo
Que é maior que tudo.

São seus corações dizendo:
Não basta qualquer alegria adquirida!

Cantem comigo!

Seus corações,
Também cantam comigo
É a dor desse infinito
É a morte do amigo
Que reduz qualquer valor desse mundo
Ao mínimo possível.

::

nem dentro dá cabeça estamos seguros.
precisamos nos descarregar do mundo
se é que isso é possível!?
necessitamos mais do que necessitamos do amor,
um duradouro descarrego
de tudo que agregamos do mundo
tudo,
que aqui dentro
não deixa espaço
para o que somos.

::

Alguns poemas são tão íntimos que são escritos

Lidos

Por nós

E depois esquecidos

Rasgados

Apagados.

Quase nenhum poema vale a pena.

Para nós um sacrifício, tristeza, razão.

Para eles é no mínimo um passa-tempo.

::

Rennan

Havia uma rua

perto da minha antiga escola

da qual passava pra lá

e pra cá uma menina baixinha

magrinha

de cabelos arrepiados.

um estilo esquisito.

na praça que ficava na frente da escola eu me escorava numa
árvore

como de costume, me apoiando

na natureza.

eu observava essas idas e voltas dessa menina.

certa vez nessa mesma rua eu voltei chorando.

eu ouvia world so cold do theree days grace

e chovia em todo rio de janeiro.

uma chuva tão gelada quanto a minha alma daquele dia que
naquele momento escurecia de minuto em minuto.

eu chorava por não entender a razão de ter caído aqui nesse
lugar.

se você imaginar cada detalhe desde a menina e suas idas e
voltas até a árvore minha única ouvinte, quem sabe você chora
também.

é estranho.

chovia granizo dentro de mim

até quando fazia sol e estava quente.

ainda me lembro de como era difícil encarar os rostos de tudo
quanto era expressão, aparência, cor, malícia, raiva, depressão.

o mundo era cão

e eu tinha quinze anos

e um poema triste no coração.

hoje eu caminho com dezenove pela mesma rua que me traz
essas lembranças.
o relógio parece parar.
o som desaparece.
foge para outro lugar.
e minha cabeça erguida para o céu
lança um sorriso sem razão
pro mundo cão.

::

Deixar teus lábios secarem
Na frieza das nossas distâncias
Depois do último beijo mais molhado possível
Foi por muito tempo um inferno
Do qual eu me sentia no direito
De lhe prometer que cedo ou tarde cessaria
E que um dia
Todo o tempo do mundo seria nosso
Até que finalmente teus lábios
Fossem molhados até que só mesmo a frieza da morte fosse
capaz de secar.

::

eu coloquei minha cadeira de um ângulo que fisgava a lua
minguante em sua melhor forma.

tomei a cerveja que comprei devido a perda total do controle da
minha vida.

fiquei atento a música lenta acústica que tocava no rádio do bar
vazio.

percebia uma tristeza mútua no planeta
e também o descontrole indizível.

crianças na praça às uma da manhã.

já não há nada errado

pois ninguém mais sabe o que é errado.

tomamos outro copo

e é como dar descarga numa merda

que por hora se mantém distante,

mas sempre volta.

::

veja, você que me ouve seja lá de qual lugar,
se é que me ouve,
veja.

o que sobra ao planeta além de literatura?

veja, desde aquela folha solitária até uma outra do outro lado
do mundo

tudo é menosprezado em si mesmo.

E é difícil crer que esta seja uma dentre outras visões.

É fácil crer que esta é a única verdadeira visão.

o que sobra além de literatura até o entardecer?
antes do amanhecer até a noite.

literatura nos resta assim como nos restamos a nós mesmos
no final das festas

nas despedidas

nas voltas no trem vazio.

não é só o trem que nos acompanha vazio.

a literatura nos responde com a mesma solidão que nos
consome.

o que sobra quando tudo acaba? quando o quadro já está
empoeirado e a música já está enjoativa?

quando a cerveja acabou e o papo já está furado demais?

quando o êxtase se foi e até mesmo a tristeza bonita dos The
Smiths já não é mais refúgio?

é literatura que nos resta meus amigos, e é ela que nos resgata e
nos traz novamente ao ponto de partida.

um livro é muitas vezes um caminho pra aceitar

tudo aquilo que é de se indignar.

::

Eu estava voltando do trabalho
por volta de meia noite
numa rua exageradamente deserta
quando de repente, duas presenças:
uma mulher e sua filha de mais ou menos três ou quatro anos
em seu colo.
a mulher conversava com sua filha sobre o que aprendeu na
escola.
ouvi a filha respondendo:
"eu aprendi a contar até vinte!"
no entanto ela começou a contar do quinze adiante e parou no
dezenove.
eu não consegui mais ouvir
como se o áudio da vida tivesse sido cortado.
segui com meus passos em linha reta e o mundo estava
silencioso,
um silêncio que ecoava na essência da noite.
refletido em mim o céu possuía a mesma dimensão obscura
que rege por sua vez a fonte da minha filosofia
da qual inevitavelmente mato minha sede.
a única verdade inquestionável é a solidão nas almas.

::

Como se eu nunca fosse escrever esse poema
ela me deu essa deixa
um cigarro na minha orelha.

Na dela
uma flor tão bela

Cheirosa como o aroma
entre aquelas pernas.

Como se eu já não estivesse captando o efeito sublime da luz
do dia refletido nos fios das mechas do cabelo mais lindo
somado com a beleza mais divina de menina
e a essência mais feminina
fundida com a pupila verde-mel mais cristalina
que esse mundo já recebeu naquela esquina.

Ela me disse
que era poema.
Mas já era meu esquema.

Já era meu esquema falar sobre
a pele dela na minha
e a nossa singela fusão.

Falar sobre aquela voz doce e serena
e dizer que
"apesar do mundo cão sua presença
é compensação."

Eu quero uma casa no meio do nada

e a nossa caminhada bem longe de estradas asfaltadas
e pessoas maliciosas ou mentes fechadas.

Eu quero minha alma banhada na água do rio mais cristalino no
meio da mata.

Ter ao redor o perigo dos animais e nada mais
e eu vou ter paz.

Eu quero a utopia desgovernada
transando com a fantasia retratada
num romance entre dois viajantes
e a felicidade finalmente alcançada.

Eu quero contar meus sonhos nunca realizados
e contar que na verdade
nos despedimos com uma tristeza que não se cura com um
último abraço.

O último afago é sempre o antecessor
do desejo mais árduo.

O amor sempre te corta
e verás que corta mais fundo
quando ela vai embora.

Eu disse: seja forte,
não temos outra opção.

Eu dei a ela o segredo
e aquele foi de longe
o meu melhor sermão.

::

Foto bizarra rende expulsão de alunas.
Elas tiraram uma foto com o pé de um cadáver.
Wanessa, que eu não sei quem é, quer colocar silicones.
O anjo do dia é "Lalahel."
Mãe e filha morreram no mesmo dia
num intervalo de trinta minutos.
Primeiro a mãe num acidente de carro, e logo depois em outra
cidade sua filha de oito anos é atropelada por um carro após
descer do ônibus escolar e atravessar a via.
Na Austrália uma menina de cinco anos aparece com uma
squeeze com vodka de framboesa na escola na hora do recreio.
Os professores ligam para a mãe para falar sobre o ocorrido e
em resposta a mãe se desculpa por não ter deixado vodka o
suficiente com a menina pra todos os professores.
Os professores por sua vez vertem risadas.
"Impostos vão ser aumentados"
(Ok, mas eu queria uma novidade e isto não é uma novidade.)
Jovem é presa por inventar estupro.
Estudante da Puc morre atropelado e o corpo de uma menina é
encontrado ao lado dos trilhos da Supervia na estação de
Austin, ramal Japeri.
Este não é um poema tirado de uma notícia de jornal,
São tristezas tiradas de um jornal.
tristezas e hipocrisias.
É um poema tirado de notícias de um jornal qualquer
num dia qualquer no qual me dispus a folhear algumas páginas
como fazem os senhores nos cafés.
Eu me questiono se vale a pena ser bem informado do que anda
rolando.
Se tudo que rola é tragédia e comédia obscura e hipócrita.
Se na rua a guerra mata milhões por causa da droga da

maconha e na escola os professores vertem risadas diante de uma menina que poderia ter ingerido a droga do álcool por culpa de sua mãe.

Me questiono se vale a pena ouvir que fulano pegou fogo até a morte por conta de coquetéis molotov,

e que bebês foram mortos afogados no sangue da própria mãe.

Eu me questiono se vale a pena saber.

Se vale a pena ser informado mais uma vez através do jornal que o futebol é o foco e a dor das famílias de todas as vítimas não é nada além de notícia.

Seria mais saudável e digno que os jornais apenas nos informassem pela manhã que: " O mundo ainda é o mesmo, pessoas ainda estão sendo cruéis, mas enfim vamos ao que interessa, BBB e futebol."

Os jornais de hoje em dia parecem apresentar uma contagem regressiva para o auge da desgraça.

Um aviso matinal em todos os dias de que a humanidade está cada vez mais cruel e doente e alienada e sem qualquer esperança.

::

Um pouco de cada um de vocês.

Um dos meus livros se encontra em Goiânia, e um outro em minas, e outro está a caminho de São Paulo.

Um terço do meu semblante e trinta por cento da minha memória

somando com os incontáveis sorrisos mesclados de lágrimas sombrias de uma origem sombria, razão trancada e esquecida.

Mistério discreto,
entre enigmas e cacos de paradigmas.

A matrix de todo meu ser,
ser humano,

poeta enjaulado em danos
ancorado em dívidas com o firmamento
que nunca me responde.

A divina mulher enraizada na parte
do cérebro que se instala o amor pelo inalcançável.

A poesia através da utopia.

O devaneio do poeta
é sagrado.

E tudo está espalhado.

Estas e outras
coisas,

fluindo
trazendo pra perto de mim
um pouco de cada leitor
que sente o que eu sinto.

::

meu corpo transpira
repelindo detritos
da tua pele macia de menina

levando embora nossa noite divina.

desde meu peito às minhas costas
repelindo a essência amorosa já morta
para longe de onde minha alma realmente transborda.

eu lhe disse e sei que alguma parte de ti acredita, ainda que relute, que a verídica realidade de tudo saltita de segundo em segundo, como uma vida que ilumina um instante e logo segue adiante, deixando para trás um vazio, como se toda a existência latente do tempo presente fosse um verso escrito e apagado, assim, sucessivamente.

eu sei que entende, somos nós que iluminamos a morte de nós mesmos.

no entanto, no fundo sabemos que vagamos a esmo.

e tal como todos os vegetais,
e animais,
sem a maldição do raciocínio
seríamos olhos vidrados no horizonte sem condições de olhar para trás.

se assim por milagre fosse, esse poema não existiria e nem mesmo a dor que o desenvolveu existiria,
seria somente um adeus e nada mais.

meu corpo ainda transpira levando tudo de ti para longe de
onde minha alma
se alimenta
agora solitária.

onde jaz a magnitude de toda alma ordinária.

onde se obtém a visão e amplitude de uma canção interior
extraordinária.

na veracidade contida no melhor sentido da palavra solidão,
foi que entendi que vive no fundo de cada pupila
luz e escuridão.

foi observando os passos cansados alheios e os inertes prédios
que eu percebi a inutilidade dos remédios.

ainda que eu seja tomado pelo afago e um amor imensurável
não deixaria de ser um ser deplorável.

ainda que nossos corpos se aproximem ao máximo,
e mesmo que nossos braços criem raízes num eterno abraço,
ainda serei por dentro inteiramente solitário.

sinto que sou um tanto malvado,
pois sei que os poucos
que me compreendem são estes conhecedores assíduos do
próprio fardo.

::

eu vivo estressado sonhando acordado a vida pura utopia em
que o silêncio não esmaga,
onde há sempre uma trilha sonora ecoando dos céus me
fazendo sentir como se tivesse asas.
a ansiedade me desdobra, e quando o pressão do skunk não é a
melhor manobra,
eu desvio do foco e me mantenho sóbrio,
pra criar rimas sem necessitar de ansiolíticos,
prefiro até mesmo ser paralítico,
escolhi o caminho lírico e disso faço meu próprio ritmo sem
som,
garantido de que vou morrer nisso.
mil aplausos pros discos
mas são meus próprios versos no vácuo que ainda alimentam
meu espírito, físico e psíquico.

::

Os séculos seguiram em frente
Deixando um tanto duvidosa,
Suspeita,
A nova geração artística e ampla.
Não só pela grande aglomeração,
Mas também pelo fenômeno,
Que por sua vez é como considero:

" - A estranha fraqueza de espírito e paixão em versos. - "

É exatamente como se a arte em todo seu valor fosse dividida,
perdendo no entanto, a parcela de essência genuína que
naturalmente cativava-nos nos séculos passados.

Não digo que sou confiável o suficiente para julgar o coração
desta geração, mas obviamente sou lúcido e ao mesmo tempo
louco o suficiente para captar alta ou baixa tensão de energia
poética.

Na verdade, se trata de lógica, muitas vezes, considerando que
bastaria uma breve comparação entre refrões e principalmente
entre as intenções dos nossos poetas e os poetas de antes.

Arrisco dizer que as maiores obras abençoadas pela clássica
solidão hoje em dia já não existe, sendo a fonte das obras
agora, uma obsessão puramente designada ao reconhecimento
alheio, sem qualquer preferência de público, pois independente
de quem se apaixona, sendo o cativado um verdadeiro
conhecedor ou não, ainda assim alimenta o artista.

O que antes era valioso em singularidade agora é valioso por
ser diversificado.

São meros sentimentos avulsos.

Um grande exemplo é a literatura.

Um século ou dois atrás a literatura nos salvava por dentro,

Hoje nos salva por fora.

::

estar consigo mesmo.
o quanto isso deve ser capaz de significar?
quando penso comigo
é como se eu buscasse no vazio
uma espécie de abrigo
pra adormecer meu infinito.
Pois tudo que eu sou é um estado de espírito
as vezes sombrio
as vezes sorriso.
mas tudo conversa comigo, quando estou comigo.
o quanto que isso deve ser capaz de significar?

::

Há fagulhas de trevas no que a madrugada abriga.
Há vislumbres de sabedorias ocultadas
à luz que ofusca.
Se o sentido da palavra "vida", é "tudo"
eu sou uma breve parcela do que constitui o "nada"
sofrendo agora
por entender...
Minha recompensa foi me perder.

::

Eu só queria que todas as verdades fossem sobre amar.
Que pra todas as tristezas existisse lugar onde desaguar.
Que todas as brincadeiras fosse sobre ir embora.
Que todas injúrias de repente
Fossem rosas.

::

Quando você me olhou pela brecha da porta com aqueles olhos
de puta espanhola

Minha única reação foi me virar noventa graus pra esquerda e
seguir até a porta e dar o fora.

Na rua os bares são pequenos mundos da lua

No qual sentamos nossas bundas e cagamos pras nossas
condutas e tiramos as blusas e encerramos nossas lutas.

Bebemos cerveja falando de tristeza e dormindo de noite
embriagada de estrelas.

Eu sonho com belas damas

Surgindo de repente na cama

Me abraçando e dizendo o que a puta espanhola não disse,

- que me ama -

::

enxergo o olho mágico
do portão brilhando cores
como brilha o céu de noite.
a natureza de tudo me acerta como uma foice.
me deu o dom de desejar,
mas não me deu o direito de conquistar.
Deus, teu xeque-mate foi bem antes do jogo começar.
desde o início era o firmamento que eu queria invadir.
E você sabia!
sabia mais do que ninguém,
ou pelo menos deveria saber...
que nossa alma morre da sede do querer.

::

tão sem graça quanto
fechar a torneira depois de lavar as mãos.
tão inútil quanto esperar o sol nascer graciosamente pros teus
olhos, pra tua vida, pro teu recomeço.
tão fadado ao castigo
de pisar em falso e ir ao chão.
como se o próprio desequilíbrio já não causasse dor.
como se errar já não fosse uma dor.
tão fadado, direcionado,
instigado
ao fracasso.
tão inútil quanto as velas
quando o mundo escurece,
pois enxergar já não diz nada,
já não serve
pra nada.
tão sem graça como os olhos fechados
ou abertos
já não faz diferença.
tão inútil quanto buscar a razão,
e tão, tão engraçado,
como um sorriso falso,
sem vida
morrer consciente
de que a razão nunca esteve entre nós.

::

quando as nuvens fecham o céu
e o que resta é uma cama e a escuridão do quarto.
são de outros braços
que precisamos de fato.
quando o dia e a noite deveria ser espaço pra dois,
e dois são eu e mais alguém me completando.
mas eu não completo ninguém.
e o que me sobra são as nuvens
fechando o meu peito para qualquer
sol/amor brilhar lá fora.

::

o que me mata
não é nem ouvir Tim Maia
nos bares
enquanto volto do trabalho
pela madrugada fria,
versos dolorosos
de carência de tudo.

o que me mata é a mesma dor ecoando dos mesmos bares.
o mesmo caso, a mesma sentença.

o mesmo sentimento, as mesmas causas,
só não são as mesmas pessoas.

o que me mata é o sertanejo ter razão.

o pagode cantar as dores de homens falidos, perdidos,
derrotados pela vida, pela fria submissão sob suas
necessidades.

o que me mata é a inspiração ser sempre a traição daquela
mulher,

ou a perda daquela mulher, ou o adeus daquela mulher, ou a
morte daquela, e daquela outra.

e quando não é por amor, é por ódio, e quando não é por ódio,
é pela morte, pela tristeza, que escrevemos, compomos,
pintamos, desenhamos, vivemos.

um rapaz com a camisa da banda Joy Division

passa por mim e eu lembro do quanto os poetas de Facebook já
falaram dessa banda.

ele segue adiante com aquele rosto pálido.

aqui dentro ainda ecoa uma batida pesada me livrando da falsa
de sal Joy Division e algumas rimas se formam.

eu queria entender a razão de até hoje chorar por amor, se a
verdadeira razão de chorar é outra tão maior e tão presente.

a fome ainda é severa.

ganhar dinheiro ainda é o mais importante.
então, o que me mata não é nem ouvir o Tim Maia fazendo
sucesso ainda nos bares pela madrugada.
o que me mata é estar cansado do trabalho com algumas notas
no bolso como recompensa,
e ter de ouvir que alguém sofre por causa de uma puta.

::

Tão dolorosa as alfinetadas
Em centímetro por centímetros por segundo.
Tão dolorosa quanto seu trauma,
Ou mágoa,
Rancor da família
retida nos seus versos.
Versos santos.
Tão santificada
quanto o demônio
e sua áurea.
Bebês choram
mas Bach ainda vive!
Cigarros são escolhas.
e as damas nascem novas,
e novos vagabundos nascem
e de novo
nascem belas histórias
de amor.
Mas, tão dolorosa quanto
golpes da vida
é entender que são golpes
sem trégua ou pausa
até que o barco afunde.
Sangramos bem mais
do que podemos escrever.

::

prostitutas são os seres humanos mais corajosos
que existem.
foi o que pensei umas horas antes de encontrar a jovem de
Chicago.
a jovem que não deixa fugir meu pensamento.
que não deixa repousar meu sofrimento
e agonia
inevitável.
ela que derrubou minha noite e inundou o gueto no meu
coração
com litros de tequila e energético.
foi quando lembrei de Sanctus e o que entendi do título de seu
livro.
escrevi pra não ter que xingar quando ela me conduziu num
poema desconexo da amargura de uma noite crua.
álcool, THC e cocaína pendendo sob cada quilômetro
percorrido.
quando eu fui embora
eu percebi que eu estava era sozinho, imaginando pessoas
necessárias.
vejo as prostitutas dominando as ruas.
vejo uma coragem surpreendente.
um grito de aviso:
"eu domino as sombras."
vejo as prostitutas,
a Lapa, Cinelândia,
e os netos das avós preocupadas
chapados ao limite de suas loucuras.
vejo a desenfreada mortal dos drogados sempre na busca de
alguma coisa.
nunca desvendei o mistério.

sou parte deles, e ainda não desvendei o mistério.
o mistério do mundo,
o enigma crucificado em mim.
cultivo cemitérios no meu cérebro.
vivo de memórias,
ilusórias,
histórias
simplórias
santificadas.
atuações.
minha vida,
o teatro que apresenta
os sonhos,
os personagens queridos
que desejávamos ser.
infância rainha.
juventude enforcada pela gravata,
e o "A" da anarquia
tatuado na alma exalando energias de um espírito
revolucionário
louco o suficiente pra mudar o mundo
e as vadias dominam as sombras da madrugada,
enquanto observo
e dou a luz ao poema
em agradecimento à inspiração dos segredos do abismo.
eu levei anos pra compreender que sou um foragido
de toda lei sagrada que rege esse universo cem por cento
nonsense,
apaixonado por si só, em sua grandeza absurda sem medida,
distante, distante de qualquer cálculo.
longe, indiferente, frio, perante exatas, e tão colado e
insatisfeito.
tão traído, tão abandonado, pela razão.
elevo meu olhar ao alto

e considero meu planeta macabro
minha possibilidade de ser o diabo que sempre sonhei,
no sapatinho, escondido, selado, guardado.
ninguém
poderia encontra-lo.
meu poema,
minha loucura,
meu estado,
meu momento,
minha tristeza,
minha razão de sofrer
por fim
calado.

::

escrevo isso agora
para mim mesmo
ter certeza de que
não me abandonei.
eu escrevo com ansiedade e abadia,
e excesso de serotonina
pra mais tarde morrer de depressão.
até o fim das nossas vidas
você ainda vai chupar algumas rolas.
e eu vou estar amando a poesia
mais do que serei capaz de amar as pessoas.

::

Sozinho
encurralado pelo silêncio
nesse terror psicológico
causado pelo vazio do universo e suas matas e o mar em
constante convulsão
solitário como os peixes no aquário.
em meu bairro o frio trava as articulações
dos ossos de todos nós loucos de vinho
fumando cigarros à luz da lua.
viaturas lotando as esquinas
e aqui em casa eu viajando em pensamentos
ao lado das ervas, minha medicina tropical dos zen Budas
para o alcance do Nirvana em nossas estranhas.
o mundo caótico congelado pelo outono
são meus mundos congestionados no sereno da noite em minha
alma.
o mundo girando
e minha cabeça girando
e minha menina alcançando seus vinte anos
sozinha.
eu triste
já sem Drummond de Andrade,
já sem Bukowski,
já sem Céline
ou Bach,
restando o vinho e o sono.
eu choro sem lágrimas
já dormindo
sem saber.
é o meu coração já anestesiado
e a tristeza sufocada

num vazio
de um inferno colorido.

::

Coisas assim, distintas,
que compõe o que nos transforma.
Nossos corações.
Mas tudo agora é tão raso,
tão vago.
Nem parece
que só temos uma vida.
Ninguém mais
se interessa em explodir
em veracidade e amor.
Ocupados em ser algo melhor, maior, superior,
que esquecem o que é viver.
Coisas assim, distintas.
Como escrever cheio de sono
com honestidade e libertação
e diálogo íntimo
solitário.
Coisas como três acentos agudos
e um circunflexo
e quatro amores perdidos.
Coisas distintas
mas não tão distintas assim
quando tudo se mistura
e vira poema.

::

Doravante
minha constante indisciplinada alma gritar a perda de tudo.
enquanto durar cada cigarro aceso lembrarei dos nossos
sorrisos.
e nossos beijos
e o balanço
e também a bebida
e o copo que você manchou de batom.
o patinete
o skate, as danças,
as mãos dadas,
a luz da minha vida
se apagando cedo demais
minhas mortes profundas das gigantescas
noites sonhando desenhos em folhas A4
e cadernos escolares.

::

Eu caminho pela cidade
olhando o céu e escutando uma música que não existe.
tudo funcionando normalmente
tudo com exceção de mim.
procuro um lugar pra relaxar sozinho e olhar o céu,
completamente chapado, centrado em alguma estrela.
quem sabe ela esteja chapada,
centrada em mim,
ainda que eu não seja luminoso,
quem sabe.
queria ser como os astros.
verdadeiros Budas.
queria uma lagoa,
mata e animais selvagens.
queria o verde mais vivo
do que nunca.
mas é como se eu tivesse sementes
e não tivesse a terra necessária.
tenho o sonho,
mas não tenho o sono perfeito.
tudo que eu tenho
são as horas seguindo em frente
e o asfalto que me espera
novamente.
a vida de novo
se esvaindo
num ralo que mais parece
um buraco negro
inevitável.

::

Tem gente que é linda
mas cutucando aqui e ali
a feiúra interna se apresenta
como uma flor desabrochando
um interior em decomposição.

::

eu me alimento da escuridão
enquanto ela consome
minha alma.
ah, mas Bach ainda é capaz de curar boa parte de mim.
por hora, enquanto envelheço,
sou ritmo sangrento de tristeza.
como outrora eu bem disse,
"leia rasgando-se"
que só assim
recitarás dignamente
estes versos escritos com lama ácida.
dos confins do mais baixo possível
sou capaz de abortar
minha dor.

::

que tenhamos sorte
com nossas escolhas.

que o verde mais vivo
acenda a vida em nossas folhas.

que o violino
de Giuseppe Tartini
ecoe estourando os cilindros
e rasgando os biquinis.

que o combustível
que alimenta essa ansiedade
se revele sol a sol
a cada tarde
como a maior tristeza em nossos
pobres
corações.

somos a ferida
na existência.

::

Nego,
eu sou meus sentimentos.

Em casa,
na rua ou até
quando me encontro
no mundo da lua.

Eu sou meus sentimentos
até o ponto final.

Enquanto o momento
é triste ou quando é radical.

Na rua o procedimento é animal.

Um dos meus amigos,
Jorge é o caçula porém o
mais sábio.

A gente torra baseados
numa escola abandonada
no meio do pátio.

Boi, é o apelido do Wellington
que é o cara que admiro
por respeitar tanto a sua irmã
como respeita sua mãe.

Também é o único que na larica
se deixar acaba com todos os pães.

Carvalho é o amigo que eu mais valorizo
pois o dom que carrega é artístico
e ainda que eu não tenha nada a ver com isso
o que me cativa é sempre o mais lírico.

Caique é o mais engraçado.
É o que todos dizem
mas a verdade é que juntos
somos todos retardados.

Na rua o clima é pesado
mas juntos somos destruidores
de fardos,
no meio da neblina de casaco
a fumaça nos esconde
dos fardados.

Amanhã é outro dia
planejado com o verde mais vivo
do nosso lado
enquanto o vermelho dos olhos segue
proibindo a razão das lágrimas
de surgir.

Quem sabe algum dia
eles entendem que nossa
intenção nunca foi da realidade
fugir.

Quem sabe conseguimos
mais tarde o que a religião
deveria ter feito,
que é unir.

Sobre Rennan Sama

Sou um jovem poeta. Muitas vezes é tudo o que eu sou. Muitas vezes não sou nada além disso. As vezes ser poeta toma conta de tudo, e de repente me vejo alucinando em uma vida que todos levam muito a sério. Tenho 19 anos, sou carioca e tenho um livro de poemas publicado cujo nome é "Ancorado". Sou fã de rap, e tenho um pé lá nos beatniks e a turma underground. Salve Burroughs, minha inspiração.

10 Perguntas Para Rennan Sama

AP: E ae Rennan, esse lance de literatura atrapalha alguma coisa na sua vida? A literatura te deu ou tirou mais coisas de você?

R: Atrapalhar? Não. Muito pelo contrário. Escrever é algo que faço pra continuar firme e resistente aos anos que se sucedem. A literatura só me deu, nunca tirou nada. Acho que posso dizer que foi a única coisa que realmente só me deu sem precisar dar nada em troca.

AP: Quando você nasceu já existia a internet? Você começou a escrever pra alguma coisa, por alguma coisa?

R: Bem, quando nasci ainda não existia, creio. Nasci em 1997. Comecei a escrever tanto por acaso quanto por uma razão. Pois é, como isso?!

É que eu conheci alguns poetas na infância e isso foi por acaso, claro. E esses poetas serviram de grande influência na minha personalidade.

Eu comecei desenhando. E certo dia, eu estava lá, assim do nada, desenhando com palavras ao invés de traços. Eu estava conversando com o universo ou apenas comigo mesmo?

Eu ainda não sei. Quem sabe as duas coisas façam parte do mesmo pacote, não é mesmo? A verdade, de forma resumida é que ocorreu um certo desastre na segunda metade do tempo da minha infância

que por sua vez me deixou "paralisado" por um bom tempo. Não quero falar do tal desastre, mas foi algo que me forçou a entender o quanto devemos ser fortes nesse mundo.

Foi aí que eu conheci Bukowski. E bem, foi como aqueles

casos em que uma mãe assopra a ferida do joelho ralado do seu filho e lhe diz que... " já passou querido."

Entre eu e Bukowski foi mais ou menos assim: " Hahaha, já passou, idiota. Tome um trago e deixe desaguar esse teu oceano nesse vazio que você vê na tela."

E foi o que eu fiz, sem parar.

AP: Você tem necessidade de que te leiam?

R: Acho que a palavra " necessidade" é bem forte nesse caso.

Mas, sim, pelo menos nessa altura, eu quero sim que leiam o que escrevo.

Mas não posso dizer que lá no início eu escrevia necessariamente com essa intenção.

Primeiramente escrevo pois se tornou costume, um analgésico, uma meditação.

Posteriormente eu faço jus ao rótulo " escritor ", que é quando sinto

que pode ser uma boa leitura para o público.

AP: Cite dois autores que ninguém deveria ler.

R: Eu não ousaria. Nem mesmo se eu fosse o Deus da literatura.

AP: Você se orgulha de algo que escreveu? Se sim, conta pra gente que coisa é essa que te dá orgulho.

R: Eu me orgulho por achar que sou único. Penso que todos são únicos, mas o que escrevo é loucura demais...

Eu ainda não conheci algo igual, por isso me orgulho, por fim de tudo que escrevi até hoje.

AP: Hoje em dia o autor divulga seus livros na internet, posta

os textos na internet, cria publico na internet, vende os livros impressos pela internet e ainda há desconfiança com obras digitais. Por que vc acha que isso acontece?

R: Eu acho que a maioria das pessoas ainda não se acostumaram com o rumo que a sociedade, ou melhor, a humanidade tomou.

A tecnologia está atrelada a tudo agora. Se você fica sem internet você automaticamente perde a conexão com o mundo. As pessoas entendem que na medida que a tecnologia avança, a desconfiança sobre o que é verdade e o que é falso aumenta. É inevitável. Não estamos preparados, é isso. Pra quase tudo nunca estamos de fato preparados.

AP: O que você tava fazendo a duas horas atrás?

R: Eu estava sacando trinta reais da venda de um livro.

AP: Quantos anos um livro demora pra se decompor na natureza? (entenda como quiser)

R: A matéria do livro se decompõe rápido. A única coisa eterna é o intangível. Entenda como quiser.

AP: Cê prefere ser temido ou amado, Rennan?

R: Não sei ainda. Ser amado requer muita coragem e determinação e principalmente o "saber o que quer da vida." Nunca permita ser amado se você não pode amar de volta. Retribua sempre, é o que penso. Ser temido não leva a nada, apenas ao tédio.

AP: E se não fosse a literatura?

R: Eu provavelmente teria apertado o gatilho quando tive a chance.

Através da Juventude
Copyright Rennan Sama 2017

Published by
Appaloosa Online Indie Publishing

www.appaloosabooks.com